

Proprietárias: filhas de José Bernardo da Silva

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

© MAL EM
PAGADO BEM



Leandro Gomes de Barros

Proprietárias: Filhas de José Bernardo da Silva

O Mal em paga do Bem

— O U —

ROSA E LINO DE ALENCAR

VOU escrever uma cena
que faz chamar atenção
nela se vê a firmeza
que teve um bom coração
e como foi que pagou
firmeza com ingratidão

O caso que vou narrar
deu-se no Rio de Janeiro
trata-se de dois corações
um firme e outro traiçoeiro
o que ninguém esperava
num coração brasileiro

Rosa era uma criatura
filha de uma engomadeira
tinha dezessete anos
era boa costureira
tanto que naquele tempo
era modista primeira

Rosa mais a sua mãe
trabalhavam noite e dia
engomava para uns
e para outros cosia
quase não podiam dar
vencimento a freguesia

Rosa tinha um gênio dócil
era muita caridosa
com essa idade tão tenra
era muita caprichosa
andava decentemente
mas não era vaidosa

Era no ano de mil
oitocentos e cinquenta
aos doze dias de abril
Rosa no terraço se senta
olhava de uma janela
uma nuvem embranquecenta

Convidou à Madalena
para irem passear
dizendo: a tarde está bela
faz cobiça a gente andar
o dia é santificado
não tem em que me ocupar

Sairam Rosa e sua mãe
Rosa ia distraída
como quem ia pensando
qualquer passado da vida
entraram num restaurante
de uma sua conhecida

Se entreteram em conversa
de momentos casuais
iam regressando à casa
passando à beira dum cais
ouviram grandes gemidos
suspiros que eram demais

Rosa foi ver o que era
viu um rapaz estendido
inda com um punhal no peito
na beira do cais caído
era Lino de Alencar
que estava no chão ferido.

O Lino de Alencar era
duma familia ilustrada
mas que caiu na pobreza
que já não tinha mais nada
estava quase morto ali
com uma grande punhalada

— Minha mãe! exclamou Rosa
olhe um homem aqui caído!
é dor que sente o senhor?
respondeu Lino abatido:
não senhora, um assassino
cravou-me, estou concluído

Rosa aí se aproximou
viu ele em sangue banhado
caído sobre uma pedra
já bastante desmaiado
ela arrancou-lhe o punhal
que nele tinha cravado

Rosa deitou-o na perna
 a mãe foi chamar gente
 com pouco chega a policia
 e o medico para o doente
 disse Lino: no hospital
 me acabarei, certamente

Lino olhando para Rosa
 lhe disse: muito obrigado
 sinto não poder pagar
 um favor tão bem prestado
 sou um pobre, até na vida
 o ente mais desgraçado

—Rogo-lhe antes da morte
 deixe beijar sua mão
 lhe ofereço em recompensa
 meu humilde coração
 é apenas o que me resta
 neste mundo de aflição

Rosa olhando para ele
 teve tanta compaixão
 parece que nesta hora
 sentiu uma comoção
 lhe disse: eu trato de ti
 serás tu o meu irmão

E ordenou que o levasse
 para sua residência
 dizendo: eu tratarei dele
 terei toda paciência
 se ele não me agradecer
 Deus dará a providência

Então levou, a policia
deixou em casa de Rosa
Madalena tratou dele
como uma mãe carinhosa
ele dizia consigo:
oh! que enfermeira ditosa!

Rosa então pagou ao médico
que lhe fez o tratamento
nada ali faltava a ele
roupa, remédio, alimento
estava sempre ao pé do leito
em todo seu sofrimento

Sessenta dias depois
disse o médico: pode andar
em si não há mais perigo
já pode até trabalhar
você foi muito feliz
desse perigo escapar

Lino chamou Rosa e disse:
estou bom, quero sair
vou cuidar da minha vida
se não morrer hei de vir
o bem que a senhora fez-me
me lembro enquanto existir

—Pois só uma mãe a um filho
que tivesse muito amor
faria o que você fez-me...
disse Rosa: não senhor
eu faria a qualquer um
que precisasse favor

—Quando precisar de mim
estou pronta pra servir
isto é doutrina de Deus
então devemos conseguir
um ente sem caridade
não vale a pena existir

Ele aí abraçou Rosa
tomou bênção a mãe dela
partiu banhado em prantos
Rosa olhou duma janela
exclamou: pobre rapaz
que sorte cruel aquela!

O Lino disse consigo:
se um dia me empregar
farei um presente a Rosa
custe agora o que custar
porque se não fosse ela
eu não podia escapar

Empregou-se em Niterói
lá fez grande economia
gastava em uma semana
o ordenado de um dia
nunca deixou de pensar
que oferta a Rosa fazia

Rosa, no costume antigo
cada vez mais trabalhando
Madalena, sua mãe
de dia e noite engomando
viviam independentes
honestamente passando

Já três anos decorriam
nem Lino era mais lembrado
um corretor de café
homem sério e arrumado
viu Rosa por duas vezes
ficou logo apaixonado

Rosa com pouca idade
tinha imensa formosura
era branca e bem corada
gorda, de boa estatura
era custoso se achar
em outra, tanta candura

Dirigiu-se o corretor
a casa que ela morava
pediu o consentimento
pra dizer o que pensava
disse ela que sua mãe
era quem deliberava

Falou ele a Madalena
disse-lhe o que pretendia
ela também respondeu
que por ela se fazia
Rosa respondeu a ele:
o senhor aguarde um dia

—É necessário eu pensar
e o senhor pensar também
estas cousas são de risco
e grande precaução tem
arrependimento tarde
nunca serviu a ninguém

—O Senhor venha entro dia
 é tempo qu'eu tenho pensado
 o senhor por sua vez
 tambem terá calculado
 pois sabe que o casamento
 é um negocio arriscado

No dia 4 de outubro
 Lino andava passeando
 aí lembrou-se de Rosa
 e pôs-se considerando
 disse: hoje eu vou ver Rosa.
 o tempo está se passando

Partindo diretamente
 às sete horas chegou
 Rosa ficando contente
 muito alegre e abraçou
 —Sr. Lino, está empregado?
 Madalena perguntou

—Graças a Deus, me empreguei
 crelo que estou bem colocado
 já não vim cá há mais tempo
 devido a andar vexado
 sou guarda-livros da casa
 e sempre estou ocupado

Estavam nessa conversa
 quando na porta bateram
 Lino, Rosa, Madalena
 todos três estremeceram
 na porta de uma só vez
 todos três compareceram

Abriam a porta e viram
 que era um homem portador
 Rosa o interrogando:
 o que deseja o senhor?
 diz este: trago uma carta
 de Gustavo, corretor

Lino quando viu a carta
 ficou logo impaciente
 se divulgava a mudança
 que ele tomou de repente
 perguntou baixinho a Rosa:
 você já tem pretendente?

Ele não amava a Rosa
 antes dessa ocasião
 Rosa lhe tinha amizade
 na qualidade de irmão
 porem cresceu-lhe de súbito
 uma implacável paixão

Então Rosa respondeu-lhe:
 esta carta, meu amigo
 é de um rapaz do comércio
 que quer casar-se comigo
 disse Lino: esta resposta
 deixou-me a vida em perigo

—E que perigo pode ter
 sendo a carta para mim?
 respondeu Lino: eu lhe tenho
 um amor que não tem fim
 como talvez a senhora
 não me consagre outro assim

—E se eu não o conseguir
amanhã me suicido
quero fazer sobre a laje
que assim serei bem servido
em a senhora salvar-me
seu trabalho foi perdido

—Porem o senhor me ama
desta forma que me diz?
diz ele: com seu amor
me julgava tão feliz
mais do que se eu possuísse
todos os bens do país

—Senhor Lino, disse Rosa
o amor é conhecido
em mais de dez qualidades
o amor é dividido
o amor é um corpo eterno
não pode ser destruído

--Por exemplo: eu amo a Deus
uma mãe a um filhinho
a pessoa, simplesmente
ama enfim um passarinho
mas um amor como esse
é construção de um ninho

—Senhora, respondeu Lino
eu não lhe posso explicar
a primeira vez que a vi
não podia nem falar
quase nas ânsias da morte
principei a lhe amar

—Deus é testemunha disto
conhece bem a verdade
ele nos ver e nos ouve
de lá da eternidade
sabe se o que estou dizendo
tem alguma falsidade

—O senhor jura que ama-me?
perguntou Rosa vexada

—Eu juro, respondeu Lino
pela hóstia consagrada
pelo cálice de amargura
por Maria Imaculada

—Juro pelas três pessoas
da Santíssima Trindade
dou Deus por meu fiador
como eu falo a verdade
queres outra garantia
melhor que a divindade?

—Digo aqui perante a Deus
que serás a minha esposa
disse Rosa: eu tambem juro
eu serei tua ou da lousa
salvo se Deus for servido
que haja aqui qualquer cousa

Foi ao quarto, de lá trouxe
uma imagem do Senhor
disse a Lino: o senhor jura
pela cruz do Redentor
que enquanto eu existir
o senhor me tem amor?

Lino se pôs de joelhos
 e pondo a mão sobre a cruz
 disse: eu juro amar a Rosa
 juro em nome de Jesus
 Deus será meu fiador
 e a escritura é a luz

Nisto deu-lhe uma vertigem
 Rosa ficou assustada
 quando ele tornou a si
 Rosa ainda perturbada
 disse a Lino: a sua jura
 creio que será quebrada

Perguntou: o que sentiu?
 respondeu: não senti nada
 senti pela minha frente
 passar uma mão gelada
 e por traz da minhas costas
 ouvi uma gargalhada

Disse Lino: eu vou embora
 estou um pouco encomodado:
 se despediu e saiu
 com o coração assustado
 como se fosse algum crime
 que tivesse praticado

Mãe e filha se deitaram
 Rosa dormindo sonhou
 que um negro gordo chegava
 e um livro lhe mostrou
 mostrando um crime de-Lino
 a pena que ele pegou

O livro era um livro tinto
 com um letreiro moderno
 via-se na capa escrito:
 «Código da lei do Eterno»
 embaixo com letras pequenas
 tinha o arquivo do inferno

Rosa queria gritar
 se vendo nesse perigo
 o negro dizia a ela:
 não se encomode comigo
 não chore que é muito cedo
 quando for tempo eu lhe digo

Tambem sonhou Madalena
 que via Rosa chorando
 Lino com 1 punhal na mão
 a vida lhe ameaçando
 dando-lhe fel numa taça
 depois ficava zombando

E Lino tambem dormia
 com sonhos horrorizados
 que via um negro esquisito
 com os dedos muito mirrados
 eserever o nome dele
 no livro dos desgraçados

E assim ficou pensando
 esse sonho em que daria
 a aquele negro e o livro
 o que lhe resultaria
 ser ilusão esse sonho
 Lino não se convencia

Disse-lhe um dia o patrão:
preciso que o senhor
amanhã vá a S. Paulo
em casa de um devedor
liquidar as contas com ele
seja por qual forma for

Lino antes de partir
passou na casa de Rosa
achou ela muito triste
pálida e muito chorosa
então perguntou a ela:
porque andas desgostosa?

Respondeu-lhe: eu não sei
explicar este motivo
me deito, porem não durmo
vou à mesa, não me sirvo
já tive prazer na vida
hoje vegeto e não vivo

—Sonhei essa madrugada
que me cobria de luto
passava um ano chorando
sem me calar um minuto
tu matavas minha mãe
com ameaço tão bruto!

—No sonho eu chorava muito
tu negava-me uma vela
eu ficava furiosa
e me abraçava com ela
te assassinava também
em paga da morte dela

—Depois sonhei que chegava
 um juiz e um escrivão
 achavam minha mãe morta
 reprovavam tua ação
 o juiz te condenava
 e me alcançava o perdão

- Depois sonhei que te via
 com uma enorme riqueza
 censurando os miseráveis
 que não tiveram nobreza
 e tinha nojo de mim
 devido a minha pobreza

Lino perguntou a Rosa:
 sonho é realidade?
 em sonho crê quem é fraco
 o sonho é variedade
 o vivo às vezes não sonha
 que está na eternidade?

—Ainda a noite passada
 acordei espavorido
 sonhando que viajava
 em lugar desconhecido
 achava um grande tesouro
 e me tornava homicida

Disse Lino: eu vou partir
 a mandado do patrão
 que me mandou a S. Paulo
 a uma liquidação
 meu batistério está lá
 trago logo o certidão

Veja o que tem de arrumar
para darmos aviamento
por minha parte estou pronto
preparei nosso aposento
eu volto segunda-feira
na terça é o casamento

Lino chegou em S. Paulo
fez logo liquidação
recebeu todo o dinheiro
que deviam ao seu patrão
a tarde foi à igreja
e tirou a certidão

Hospedou-se num hotel
onde hospedou-se um francês
tinha dois americanos
um espanhol, um inglês
três alemães, e dois russos
um egipcio e um chinês

Eram doze jogadores
estavam ali hospedados
todos, homens de dinheiro
capitalistas abastados
não se importavam com perda
nem ficar sacrificados

Todos conheciam Lino
e puseram-se a o chamar
disse o russo: oh! brasileiro
estás com medo de jogar?
não és de um país tão rico
não podes mais trabalhar?

Disse Lino: estou doente
e mesmo sou empregado
é certo, tenho dinheiro
mas não é meu, está provado
o dinheiro é do patrão
se perder estou desgraçado

Disse o francês; venha ao jogo
se por acaso perder
eu pago seu prejuizo
não tem mais o que temer
tanto quanto tenho aqui
nem seu patrão há de ter

Lino aos rogos de todos
determinou-se a jogar
então foi com tanta fortuna
que fez todos admirar
todo dinheiro da mesa
ele chegou a ganhar

Para encurtar a história
quinhentos contos ganhou
passava de meia-noite
quando o jogo se encerrou
levou ele uma fortuna
que tanto nunca esperou

À uma da madrugada
já ele estava deitado
cheio de mil pensamentos
como quem estava assombrado
olhando para o dinheiro
e ficava admirado

Consultava ele a si mesmo
se devia se casar
pensando em Rosa ser pobre
não podia sossegar
pensava no juramento
queria desesperar

Depois acertou consigo
que embora quebrasse a jura
não casava mais com Rosa
que era pobre criatura
se casando com u'a rica
faria melhor ventura

Dias depois passeando
em casa dum fazendeiro
viu lá uma filha dele
que tinha muito dinheiro
disse consigo: é aquela
que salva um aventureiro

Pedindo-a em casamento
o comendador lhe deu
inda até eram parentes.
Lino foi que conheceu
porem sem ele contar
tudo que aconteceu

A noite, deitou-se cedo
muito impressionado
interrogando a si mesmo:
não cumprir jura é pecado?
eu jurei aos pés de Deus
creio que fico atrapalhado.

Dormindo sonhou que via
um portador do maldito
trazendo na mão esquerda
um quadro do infinito
com o nome do inferno
em letras de fogo escrito

Então mostrava-lhe o quadro
com uma vitima imolada
uma jovem muito triste
junto à vitima sentada
escrito nos lábios dela:
«a Rosa desventurada»

No mesmo sonho ele via
passar uma nuvem escura
da nuvem sair uma ave
que exclamava: oh! criatura
já te esqueceste da noiva?
e então quebraste a jura?

Despertou muito assustado
com essa cena horrorosa
disse consigo: eu me perco
por isso que faço a Rosa
ela me fez tanto bem
como uma mãe carinhosa!

Deixemos Lino um instante
vamos tratar sobre Rosa
da forma que estava triste
dececonsolada e chorosa
lhe anunciava o futuro
uma cena dolorosa

Madalena, mãe de Rosa
estava dormindo, sonhava
que Lino ia a um abismo
e nesse abismo enricava
não casava mais com Rosa
e com desgosto a matava

De manhã contou a Rosa
tudo que tinha sonhado
quando chegou um carteiro
de um trem que tinha chegado
esse trazia uma carta
que Lino tinha mandado

Lino mandava dizer:
«Rosa, estou arrependido
«de ter feito aquele trato
«e ter-me comprometido
«o trato está sem efeito
«visto eu ter resolvido»

Madalena ao ler a carta
desmaiou, ficou prostrada
Rosa mandou ver um medico
que não pode fazer nada
desenganou-a dizendo:
sua mãe está liquidada

—Paciência, disse Rosa
muito mais sofreu Jesus
que vindo ao mundo das trevas
trazendo aos cegos a luz
teve como recompensa
a cruel morte na cruz

—Perdi todo o meu futuro
devido a um traidor
que jurou perante a Deus
me consagrar grande amor
pediu fiança a Jesus
tendo Deus por fiador

Assim que o médico saiu
Rosa foi cerrando a porta
voltando ao leito da mãe
chegou lá, achou-a morta
—Paciência! exclamou ela
vingar-me é o que importa

Olhou para a mãe e disse:
minha mãe, cumpriste a sorte
morreste ainda tão cedo
por um desgosto tão forte
eu juro por tua cinza
inda vingar tua morte

Fez o enterro da mãe
depois tratou de estudar
qual seria o melhor meio
para ela se vingar
cheia de mil pensamentos
nada podia acertar

Já seis meses se passavam
uma freguesa escreveu
mandando uma encomenda
para um enxoval seu
mandava mais convidá-la
pra assistir seu himineu

Então dizia na carta:
 «creio não hás de faltar
 «esperarei pela amiga
 «para assistir eu casar
 «note bem, meu casamento
 «é com Lino de Alencar»

Rosa assim que leu a carta
 ficou quase inanimada
 ainda pensava mais
 como seria vingada
 nesta noite não dormiu
 pensativa, encomodada

Fez a roupa e foi levar
 mas com tempo anterior
 chegando na capital
 foi com ela um portador
 então dirigiu-se ela
 ao tal comendador

A moça gostava dela
 quando a viu entristeceu
 então perguntou a Rosa:
 da senhora quem morreu?
 disse Rosa: estou de luto
 por minha mãe que faleceu

—Morreu dona Madalena?!
 a moça interrogou-a
 É— morta, respondeu Rosa
 Lino de Alencar matou-a
 —Meu noivo?! pergunta a moça
 diz Rosa: ele assassinou-a

Então aí disse ela
de que forma o tinha achado
quase morto sobre o chão
em muito sangue banhado
o tratamento que fez
e como a tinha enganado

Mostrou-lhe ali num quadro
o Lino fotografado
ele a mãe com uma imagem
via-se ele ajoelhado
com a mão direita em cima
da cruz do Crucificado

A moça vendo esse quadro
o retrato fielmente
ficou bastante nervosa
quase dá-lhe um acidente
chamou o pai e lhe disse:
1 homem assim, só serpente

Perguntou a moça ao pai:
acha que eu devo casar
com um homem traidor
capaz de me assassinar?
um homem que jura falso
é mesmo que não jurar

-Que quebra uma jura destas
para Deus está criminoso
que ventura pode ter
um homem facinoroso?
eu odeio de coração
o homem que é mentiroso

Já Lino aí tinha gasto
grande parte do dinheiro
dado que ia casar-se
com a filha do fazendeiro
quis fazer uma figura
de um distinto cavalheiro

O comendador escreveu-lhe
mandando-lhe declarar
que ao receber a carta
não teria que apelar
porque com a sua filha
não consentia casar

Lino recebeu a carta
quando estava no hotel
pensando que havia de ter
uma esposa fiel
e no prazer de passar
Natal na lua de mel

Na carta vinha o seguinte:
«senhor Lino de Alencar
«o contrato que fizemos
«não podemos efetuar
«você praticou um crime
«que me fez repugnar»

Quando Lino leu a carta
calu sobre uma cadeira
pensou logo: isso foi Rosa
que me cortou a carreira
e teve toda razão
de tornar-se traçoetra

Foi dar balanço no dinheiro
no que já tinha tirado
achou cento e vinte contos
o mais se tinha acabado
achou mais oitenta contos
no que já tinha comprado

Calculou que em todo caso
devia se retirar
devido aquela noticia
que havia de explicar
e que teria por fim
o vir desmoralizar

Mandou botar em leilão
tudo que havia comprado
apurou menos de um quarto
do capital empregado
e esse mesmo na rua
do bolso lhe foi roubado

Aí pensou que a desgraça
tinha dele se apossado
foi para o Rio de Janeiro
aonde estava acostumado
chegando foi ao patrão
de onde foi empregado

Esse não quis recebê-lo
ficou muito indignado
devido aquela ação negra
que há pouco tinha obrado
dizendo que a mãe de Rosa
ele tinha assassinado

A noite estava dormindo
sonhou que tinha embarcado
chegava num reino estranho
e lá era fuzilado
sem cometer crime algum
era preso e acusado

No sonho ele perguntou:
qual o motivo da pena?
respondeu-lhe o juiz:
tua culpa te condena
não enganaste a Rosa
não mataste a Madalena?

Nesse sonho viu o negro
com quem já tinha sonhado
com um livro tinto de sangue
que já tinha lhe mostrado
tinha uma letra de Lino
que Deus lhe tinha entregado

Perguntou ele ao negro:
e que dinheiro eu tomei?
onde vi Deus algum dia?
que objeto lhe comprei?
foi outro necessitado
tal letra não assinei

Puxava o negro do bolso
um papel muito amassado
estava escrito em cima:
«Lino de Alencar Machado
«é devedor ao Eterno
«o que está mencionado»

—Quinhentos contos de réis
ganho ilicitamente
deve o marido a uma órfã
a vida a uma inocente
uma fiança a Jesus
pedida pessoalmente

No sonho disse ao negro:
você diz que é portador
se dirija a quem lhe deva
vá dizer ao seu senhor
que esta letra não é minha
e me erre por favor

Ele acordou agitado
sem saber o que fizesse
desejava achar um ente
que com certeza dissesse
porem naquele segredo
não havia homem que desse

Sentou-se, pôs-se a pensar
este sonho o que daria
aquela letra o que era
e o negro o que queria
julgou ser o mau espirito
que no sono o perseguia

Depois tornou a dormir
sonhou que Rosa chegava
fingindo sorrir com ele
uma quantia lhe dava
e o levava a um juiz
a sentença lhe marcava

Acordou às cinco horas
saiu, comprou um jornal
lendo, deu com a partida
do barco « Mala-Real »
que seguia às quatro horas
do Rio pra Portugal

Resolveu-se a embarcar
como de fato, embarcou
na viagem foi feliz
perigo não encontrou
com dez dias de viagem
ao seu destino chegou

Hospedou-se em um hotel
onde foi bem acolhido
porque levava uma carta
de um português conhecido
constava seu passaporte
de um homem bem procedido

No hotel deram-lhe um quarto
de tudo bem preparado
então vivia ele ali
com o que tinha guardado
depois foi no mesmo quarto
um japonês hospedado

Três meses estiveram juntos
numa só mesa comiam
só passeavam de braços
como dois irmãos viviam
eram dois amigos firmes
ambos num quarto dormiam

Um dia às cinco horas
Lino do quarto saiu
deixou a porta cerrada
que por si também se abriu
julgava que estava só
porem um gatuno viu

Assim que Lino saiu
o gatuno traiçoeiro
abriu a porta e entrou
matou-lhe o companheiro
roubou do morto e de Lino
roupa, objetos e dinheiro

Às seis horas da manhã
entrou no quarto o criado
não achou Lino na cama
e gritou logo assombrado
achou o japonês morto
e tudo no quarto roubado

Como foi grande o espanto
quando o criado gritou
aí o dono da casa
afrito se levantou
achou o quarto inundado
em sangue se admirou

Então procuraram Lino
no quarto não encontrou
dizia o dono da casa:
foi Lino quem o matou
se evadiu de madrugada
tudo do morto roubou

Participou a polícia
pra fazer a vistoria
o delegado achou ele
às nove horas do dia
tudo afirmava ser ele
lá foi ele pra enxovia

Toda a justiça acusava-o
por ladrão e assassino
ele dizia: isso não!
são reveses do destino
meu crime ninguém descobre
era o que dizia Lino

Vamos tratar sobre Rosa
o golpe que ela sofreu
chorando amargosamente
por sua mãe que perdeu
tinha gravado na lembrança
tudo quanto aconteceu

Rosa dormindo sonhou
que ia no estrangeiro
lá em um banco real
tirava muito dinheiro
por meio desta quantia
soltava um prisioneiro

Recebeu Rosa, uma carta
que vinha de Portugal
dizendo que um tio dela
morreu em Vila-Real
e deixou-lhe em testamento
uma soma colossal

Ela embarcou para a Europa
levando em companhia
uma moça já idosa
que junto dela vivia
e uma senhora viúva
que ela muito conhecia

Desembarcaram em Lisboa
e Rosa foi se hospedar
no hotel onde hospedara-se
o tal Lino de Alencar
no quarto onde deu-se o crime
foi Rosa se agasalhar

Eram dez horas da noite
estavam as três deitadas
no quarto parede-meia
ouviram certas pisadas
reinava grande silêncio
estavam as luzes apagadas

Eram três salteadores
que estavam em reunião
julgavam que estavam sós
devido a escuridão
de muitos crimes horrendos
fizeram revelação

Disse um deles: chegou hoje
uma moça em Portugal
que vem tirar uma herança
que tem em Vila-Real
ela é a herdeira única
dum imenso capital

Perguntou um dos ladrões:
 que se faz para roubá-la?
 respondeu o outro: é fazer
 todo jeito de explorá-la
 tomar-se todo dinheiro
 no mesmo instante matá-la

Disse o outro: necessita
 de muita sagacidade
 a policia desta terra
 tem enorme atividade
 aqui pra punir um crime
 não se escolhe qualidade

Disse o outro: faz um ano
 a quatro de fevereiro
 que ali naquele quarto
 hospedou-se um brasileiro
 duas semanas depois
 chegou mais outro estrangeiro

--Dormiam ambos num quarto
 e um dia o brasileiro
 saiu e cerrou a porta
 eu entrei muito ligeiro
 vinha com um punhal na mão
 e matei-lhe o companheiro

—Cravei-lhe uma punhalada
 em cima do coração
 ele não fez movimento
 só fez estender a mão
 foi mesmo que um passarinho
 não fez a minima ação

—Inda depois degolei-o
isso tudo bem ligeiro
abri uma mala dele
e outro do brasileiro
em todas duas achei
grande soma de dinheiro

Então perguntou o outro:
ninguem viu você entrar?
- Eu roubo pra ninguém vê?
nem dou tempo alguém chegar
quem está pagando o pato
é o Lino de Alencar

--Roubei cento e trinta contos
de Lino e do japonês
quatro anéis de brilhante
carreguei eu desta vez
fiz uma figura em França
que só um banqueiro inglês

Disse o outro: foi um risco
porque se fosse encontrado?

—Eu usaria as armas
pois vinha municiado
e se saísse com vida
do crime estava sanado

-Alguém não vendo eu fugindo
quem poderia me achar?
aqui todos me conhecem
por Juvêncio Barcelar
no Porto, por Valentim
quem pode me procurar?

Disse o outro: eu aqui
me conhecem por José
na Bolívia por Luiz
em Barcelona, Tomé
e na provincia de Minho
me conhecem por André

Elas não deram sinal
que no quarto houvesse gente
tudo quanto elles disseram
ouviram perfeitamente
um deles disse: saiamos
que a hora é conveniente

Depois que saíram todos
chamou Rosa uma criada
disse que naquele quarto
estava muito encomodada
ela a botou noutra quarto
onde ela estava deitada

Rosa dormindo sonhou
que ia à eternidade
assistir uma audiência
de grande necessidade
pois tinha sido intimada
em nome da Divinidade

No sonho ela chegava
num salão de caridade
viu Lino ali como réu
a lei com formalidade
viu reunir-se um conselho
com muita sagacidade

A razão era o juiz
o remorso o acusador
o dever fazia guarda
e ajudava o promotor
estava a prudência sentada
no lugar de um defensor

A caridade no centro
junto do réu, o perdão
aí falava o remorso
fazendo uma acusação
havia duas testemunhas
eram interesse e ambição

Então disse a caridade:
o réu está condenado
Deus é justo, o crime é grande
calou-se o advogado
dizia o dever: meu voto
será contra o acusado

Então disse a caridade:
deve-se ter compaixão
dizia o remorso: um desses
merece à condenação
se levanta à prudência
apela para o perdão

Depois de um grande debate
do remorso e da prudência
apareceram dois membros
a verdade e a paciência
tudo vinha contra Lino
pedindo a Deus providência

Ergueu-se a razão e disse:
eu como juiz fiel
vou de encontro aos defensores
este é pior que Lusbel
não há nele atenuante
deve ter pena cruel

Rosa acordou agitada
com o sonho na lembrança
disse: Lino é desgraçado
nem do céu tem esperança
depois dizia a si mesma:
não quero mais tal vingança

Todas três dormiram pouco
acordaram muito cedo
saiu o dono da casa
Rosa falou em segredo
disse o que ouviu dos ladrões
da forma que teve medo

Contou tudo quanto ouviu
o assassino dizer
ele contou a história
foi quando Rosa veio crer
que Lino era inocente
foi que ela pode saber

O homem foi à polícia
e contou todo passado
foi com ele um inspetor
levando mais um soldado
às dez horas no almoço
todos três foram pegados

Descobriram finalmente
tudo que se tinha dado
a morte do japonês
da forma que tinha entrado
aí conheceram que Lino
nada tinha praticado

Lino estava nesse dia
de fome muito oprimido
dos ferros que lhe botaram
já estava o corpo ferido
a fome impedia a ele
de dar até um gemido

Ele no cárcere exclamava:
oh! vida laboriosa!
oh! desgraça sem igual!
oh! existência amargosa!
só assim eu pagaria
a traição que fiz a Rosa!

- Foi maldita a negra hora
que minha mãe deu-me a luz!
foi mesquinho meu nascimento
não morreu por mim Jesus!
foi por quem botou-me aqui!
que ele padeceu na cruz!

- Eu nesta alcova maldita
nem de vida sou senhor!
meu leito consta de gelo
minha vida é de terror
antes fosse uma serpente
ou bicho devorador!

—Entre mil dores eu crelo
que termino a existência
estes ferros tão pesados
me aniquilam a paciência
o falso que levantaram-me
não faz orer na Providência!

Nisto chega o carcereiro
abre a porta da prisão
Lino perguntou a ele:
traz alguma arma na mão?
se traz, te peço por Deus
traspassa o meu coração!

—Crava este peito infeliz
tira a vida dum desgraçado
mata um ser sem proteção
descansa um desesperado
faz uma esmola a um misero
que injusto foi condenado!

O carcereiro lhe disse:
venho o tirar da prisão
o juiz mandou soltá-lo
e manda-lhe pedir perdão
o crime quem fez foi outro
tu estás aqui sem razão

Lino chegou ao hotel
onde se tinha hospedado
achou um conto de réis
que Rosa tinha deixado
achou uma carta dela
porem com o nome trocado

Então Lino nesse dia
achou boa ocasião
vinha um barco do Brasil
ele achou boa monção
disse: eu volto à minha terra
lá posso achar remissão

Dias depois da obegada
Rosa foi o visitar
disse a ele: eu te perdôo
nunca te pude odiar
o que passou-se esqueci
querendo, eu posso casar

—Possuo imensa fortuna
qual a maior do país
Deus sempre me protegeu
a sorte sempre me quis
se ainda me ama se apronte
posso fazê-lo feliz

Então Lino resolveu
visto Rosa o perdoar
disse consigo: eu agora
posso a desgraça afrontar
a ação que fiz foi feita
que me importa alguém falar?

Rosa convidou amigos
preparou grande jantar
fez Lino tomar dinheiro
para poder se aprontar
ele convidou amigos
pra assistir ele casar

Ela trajou-se de noiva
estava o padre no altar
e as testemunhas de Lino
que vieram acompanhar
nos pés do padre ela disse:
resolvi não me casar

—Fazem hoje quatro anos
que minha mãe faleceu
com um desgosto de súbito
que Lino de Alencar deu,
e casar com 1 homem deste?
isso nunca faço eu!

Lino baixando a cabeça
de repente entristeceu
aos que acompanharam
apenas agradeceu
dois ou três dias depois
cruelmente enlouqueceu

Na loucura ele exclamava:
é bem justo a minha pena
o crime há de ser punido
porque Deus assim ordena
paguei a dívida de Rosa
e a morte de Madalena!

— F I M —

Juazeiro do Norte, 27/12/1976

Literatura de Cordel

José Bernardo da Silva Ltda.

Grande variedade de folhetos e orações,
R. Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José—Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café São Miguel, dentro do Mercado
Central -- Fortaleza -- Ceará

ANTONIO ALVES DA SILVA

Rua Clodoaldo de Freitas, 707
Pereziña Piauí

JOÃO SEVERO DA SILVA

Travessa Dr. Carvalho, 70 — Bayeux
R. Silva Jardim, 836 — João Pessoa-Pb
E Rua Sátiro Dias, 1457

Alecrim — Natal — R N.

MARIA JOSÉ SILVA ARRUDA

QE 24 — Conjunto D — Casa 9
Guará 2 — Brasília — DF

SEVERINO JOSÉ DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 695
Lote 4, final de Onibus, 745 Cascadura
Rangu — Rio de Janeiro — RJ

ARTHUR PEREIRA DE SALLES

Av. Santana do Ipanema, 315
Bairro Cruz das Almas — Maceió — Al.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).